

36° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS
GT 07 – DIMENSÕES DO URBANO: TEMPOS E ESCALAS EM
COMPOSIÇÃO

MEMÓRIAS DAS DINÂMICAS SÓCIO-ESPACIAIS DE GRUPOS
CULTURALMENTE DEFINIDOS POR SUAS PRÁTICAS MIGRATÓRIAS

Cintya Maria Costa Rodrigues (UFG)

MEMÓRIAS DAS DINÂMICAS SÓCIO-ESPACIAIS DE GRUPOS CULTURALMENTE DEFINIDOS POR SUAS PRÁTICAS MIGRATÓRIAS.

Cintya Maria Costa Rodrigues (UFG)

1- INTRODUÇÃO

Entre 2009 e 2011 a equipe de pesquisa coordenada por mim e por alunos de graduação de iniciação científica (CNPq) e mestrado desenvolveu um projeto de pesquisa em Antropologia Social que problematizou a relação entre ciganos e não – ciganos em Goiás, demarcando como universo da pesquisa empírica, os moradores do bairro Samara situado na periferia da cidade de Trindade, que é popularmente identificado como “um bairro de ciganos”¹

A formulação do projeto adveio das repercussões das políticas públicas de reconhecimento do governo brasileiro em nível nacional e regional que incluíram ciganos brasileiros na arena de discussão política e cultural com os demais grupos – indígenas e negros: historicamente considerados entre os três pilares étnicos formadores da cultura brasileira. Tal política pública para os grupos ciganos repercutiram não apenas entre os próprios ciganos, elas despertaram pesquisadores para as análises sobre as culturas brasileiras e acreditamos que nesse aspecto, nos consideramos influenciados por esse contexto desde 2008 (RODRIGUES, 2009¹; 2009²; 2009³; 2010).

Outras questões locais e regionais também intrigaram a equipe do projeto e impulsionaram a investigação: o reconhecimento e não – ciganos da presença dos ciganos nos espaços públicos e em residências conhecidas como habitadas por eles em bairros de Goiânia desde a sua fundação; a desconhecida forma como desapareceram desses espaços a partir da década de 1970 e a quase ausência de escritos sobre os grupos na literatura regional e em trabalhos científicos sobre Goiás e o Brasil².

¹ Projeto de pesquisa: Identidade, alteridade e memória: os ciganos e os não ciganos em Goiás. UFG/SAAP 33.968.

² O artigo do folclorista Ático Vilas Boas da Mota “contribuição à história da ciganologia no Brasil” publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1982) traz importantes informações sobre os “estudos ciganológicos” brasileiros, mas não menciona informações sobre os ciganos em Goiás.

No entanto em contraponto, verificamos que as lembranças dos não ciganos que habitavam próximos aos locais de acampamentos ou de residências ciganas recordam a presença e a passagem deles em praças, ruas e outros locais públicos em Goiânia e Trindade e são ricas em detalhes e histórias que reportam a uma convivência interativa não conflituosa no passado, nos limites sócio - culturais considerados por ambos grupos.

Iniciamos a pesquisa com o levantamento e análise de publicações científicas e “ciganológicas” no Brasil, Europa Central e do Leste e Estados Unidos.³ Realizamos um levantamento documental em instituições em Goiânia e, dado o contexto político que inseria o grupo nas discussões sobre as políticas públicas culturais, buscamos compreender esse processo através da mídia eletrônica e dos órgãos oficiais que centralizaram tais discussões. Realizamos levantamento documental nas publicações e acompanhamos as ações da SEPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e da SID – Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural, ambas vinculadas ao Ministério da Cultura do Brasil (RODRIGUES, 2009²; 2009³; 2010).

A pesquisa no ambiente digital permitiu que explorássemos as possibilidades do contexto emocional que esse espaço permitia tais como aquelas provenientes das divergências políticas entre os diferentes grupos ciganos e suas lideranças tradicionais e aquelas que se inseriram através das políticas públicas. Observamos também as reações dos ciganos frente às iniciativas das Secretarias governamentais assim como as respostas dessas Secretarias às demandas dos grupos.

Em Goiás em 2005 foi criada a “Associação de Desenvolvimento da Comunidade Ciganos de Goiás” sob a presidência de Jesus Cigano. Em abril de 2009 realizamos uma entrevista de longa duração com essa liderança política (ele é um dos moradores do bairro Samara em Trindade, onde também se localiza a sede da Associação).

A trajetória da família de Jesus cigano por ele relatada assim como a sua participação desde o princípio das iniciativas estatais de promoção da cultura cigana em nível nacional e regional elucidou de princípio o nosso entendimento sobre as relações dos ciganos com as políticas públicas nacionais que se desdobraram em ações em nível

³ Há uma vasta publicação sobre os ciganos no mundo anterior aos estudos científicos mais específicos, realizados por folcloristas e autores autodidatas que são considerados de “ciganológicos”. Trata-se de textos que contêm informações as quais as pesquisas mais recentes não somente fazem críticas pela ausência de metodologias científicas como os utilizam, sobretudo por muitos deles conterem descrições detalhadas sobre a língua, as manifestações artísticas e culturais, comportamentos e textos produzidos pelos próprios ciganos.

regional e local nos diferentes lugares onde haviam grupos fixados. Em Goiás, Trindade e Goiânia foram os “palcos” de maior visibilidade das ações das políticas públicas para o grupo. Eventos, tais como, o lançamento da “cartilha cigana” em Trindade, as comemorações do dia do cigano, os lançamentos de editais de participação específica de ciganos e a Festa do Divino Pai Eterno em Trindade nesse período, foram observados e descritos pela equipe de pesquisa. O contato com Jesus Cigano assim como a nossa participação nos eventos abriu caminho para a inserção inicial entre as famílias ciganas do bairro Samara e com ciganos fixados em outros municípios que vieram à Trindade durante a festa religiosa em 2009 e 2010.

Realizamos entrevistas formais com uma liderança cigana de outro município goiano e com a nova liderança representante dos moradores do bairro Samara que se vinculou à prefeitura em oposição a Jesus Cigano. Com as famílias contatadas tivemos dificuldade em gravar os relatos uma vez que o contexto político entre os próprios ciganos atravessava um momento de tensão. Como mencionamos, em 2009 ocorre o surgimento de uma nova representação política cigana em Trindade vinculada à prefeitura da cidade, em oposição pública a Jesus Cigano. Nesse mesmo contexto político, em nível nacional, o GT cigano foi dissolvido, não ficando muito esclarecido as razões da saída do grupo dessa arena de discussões das Secretarias de Estado.

Com o trabalho de campo e laboratório, a pesquisa tornou-se “tentacular”, apresentando questões que extrapolaram os objetivos traçados pelo projeto. No que diz respeito especificamente ao aspecto relacional entre ciganos e não – ciganos em Goiás, concluímos:

- 1- O reconhecimento de um sentimento de ressentimento dos ciganos do bairro Samara com os demais moradores de Trindade pela separação cotidiana que faziam entre “goianos e ciganos”. Para Jesus cigano e outros, apesar de as suas famílias transitarem e criarem espaços de fixação em Trindade, Goiânia e outras cidades de Goiás desde os anos de 1920 e se considerarem também goianos, ou seja, “ciganos goianos”, eles se sentiam “discriminados” pelos outros e não reconhecidos historicamente à Trindade e à Goiás⁴.

⁴ Sobre o sentimento de ressentimento ver BRESCIANI & NAXARA (Orgs.) citadas na bibliografia.

1.2- Notamos nesse sentimento de ressentimento algumas ambiguidades que encaminham o estudo para a análise do discurso⁵. Primeiramente porque os relatos já demonstravam uma influência do discurso da diferença e do reconhecimento amplamente divulgado pelas políticas públicas estatais, que, depois de assimilados pelas lideranças se expressava com muitas confusões terminológicas e de significado (As falas de Jesus Cigano confundem os termos raça e racial com afirmações positivadas de discriminação como se o “ser discriminado” era ser um “cigano racial”). Em segundo lugar, por registrarmos ocorrências de interação entre ciganos e não – ciganos em Trindade, tais como os vários casos de casamento de ciganos com não – ciganos (este é o caso de Jesus Cigano). E por último, no que diz respeito ao trabalho dos ciganos (de forma mais geral no comércio de diferentes produtos inclusive de forma ambulante e autônoma) implica na relação entre os não – ciganos. Verificamos, portanto, que o presente e o contexto político os faziam refletir o passado interferindo na compreensão dos ciganos sobre suas identidades relacionais, mas de forma confusa, pois não havia o domínio dos termos de reconhecimento das políticas públicas por parte deles que pudesse encaminhar demandas que abarcassem a diversidade cultural dos grupos. Nesse sentido, ao invés de promover o ingresso desses grupos nas discussões sobre o reconhecimento das culturas brasileiras, o discurso das políticas públicas estatais afirmavam o que já está reconhecido, excluindo mais uma vez, culturas participantes e estabeleciam conflitos entre os diferentes grupos ciganos. A saída dos ciganos das discussões assinala o descompasso entre os participantes dos palcos discursivos assim como o reconhecimento dos despreparos políticos e de conhecimento para lidar com culturas “não reconhecidas” politicamente e culturalmente.

1.3- reclamações dos ciganos pesquisados confirmam os casos de exclusão e discriminação vividos por eles em outras regiões do mundo (MENDES, 2005; CHARLEMAGNE, 2001; FORMOSO, 1994; OKELY, 1994; RODRIGUES, 2009¹; 2009²; 2009³; 2010; 2012; FERRARI; 2002); Seus relatos falam da desconfiança de “honestidade” que impede a oferta de empregos que é justificada pelo fato de serem considerados trambiqueiros ou ladrões e terem que se deslocar de Trindade cinco meses ao ano para venderem os seus produtos nas praias da região sul do país. As reclamações sobre as suas festas particulares em residências também é um argumento levantado que

⁵ Nesse assunto fundamentamos basicamente em Foucault (2003).

tanto identifica espacialmente a família cigana quanto os relacionam ao ócio. O período que permanecem em Trindade fazendo trabalhos esporádicos, inclusive em trabalhos ambulantes em Goiânia, não é compreendido pelos não – ciganos como fazendo parte do ciclo de trabalho sazonal dos grupos.

1.4- Em termos da pesquisa empírica, ficou evidente que Trindade é um contexto singular para o entendimento mais aprofundado da relação proposta pelo projeto e para a compreensão da segregação sócio-espacial; exclusão histórica e memorialística dos grupos ciganos em Goiás. Quando mencionamos o aspecto da exclusão queremos tratar de uma particularidade do estudo que estamos realizando, uma vez que ela manifesta-se, também de forma ambígua. Outro aspecto dessa ambiguidade advém do entrelaçamento contrapontual entre religiosidade, memória e espacialidade (DE CERTEAU, 1994) que, de alguma forma é trabalhado culturalmente para que o conflito não se manifeste. Trindade é uma cidade que carrega a marca cultural da peregrinação religiosa desde a sua fundação. É o lugar onde se realiza todos os anos entre os meses de junho e julho a festa religiosa católica (e profana) do Divino Pai Eterno. A cidade recebe peregrinos de várias cidades de Goiás que chegam atualmente por diferentes meios de locomoção (de carro, a pé, a cavalo e no passado vinham de “carros de boi”). A festa de Trindade retoma, atualiza e aproxima a peregrinação com um elemento simbólico da mobilidade espacial cigana: o nomadismo como valor e como prática⁶.

1.5- Acompanhamos alguns grupos de ciganos de outros municípios acampados durante a festa do Divino Pai Eterno em 2009 e 2010 que veem há vários anos com suas famílias. Atualmente eles costumam alugar lotes vazios em diferentes locais da cidade, seja no centro ou na periferia ou ficar na casa de parentes. Armam barracas e permanecem durante pelo menos 15 dias. Conversamos com pessoas que alugavam os lotes para eles e não ouvimos relatos discriminatórios que demonstrassem má convivência. Há inclusive uma expectativa de que eles retornem no ano seguinte. Ao procurarmos identificar os ciganos durante a festa fora dos acampamentos tivemos muita dificuldade uma vez que eles se trajam no estilo dos demais: os homens com chapéus, botas, jeans e as mulheres

⁶ Os relatos dos ciganos afirmam a sua participação na festa de Trindade desde a década de 1920, data anterior à fundação de Goiânia. Eles mencionam que o município de Campinas, hoje um bairro de Goiânia era um lugar de passagem e fixação de grupos ciganos. Considerando que muitos ciganos em Trindade ainda frequentam Campinas para comprar e vender produtos e que Campinas espacialmente situa-se no caminho entre Goiânia e Trindade, levantamos a hipótese de que o agrupamento no bairro Samara foi resultado desse encontro entre a festa e as rotas ciganas, impulsionado pelo crescimento da capital e os processos de segregação urbanos.

como as demais mulheres da cidade. No entanto ouvimos relatos de pessoas não – ciganas que diziam ser muito fácil identificá-los visualmente e não entendiam a nossa dificuldade inicial. Durante a festa eles constroem uma grande barraca separada, próxima ao local dos shows artísticos que é identificada como um lugar de encontro e para a realização de suas próprias festas profanas. Concluimos num primeiro momento que a festa de Trindade em termos relacionais representa um momento de partilha entre ciganos e não – ciganos em sintonia com a religiosidade católica (localmente, os casamentos ciganos são realizados em uma pequena igreja católica em um bairro vizinho ao bairro Samara). Se, por um lado, a festa pode significar uma aproximação positiva entre ciganos e não - ciganos através da religiosidade, por outro, é utilizada nas falas dos ciganos como mais um aspecto da discriminação histórica e memorialística do grupo em Goiás. O fato de transitarem na região de Trindade na década de 1920 e se incluírem na memória e na história da localidade e de Goiás reclama um reconhecimento público de memória (RICOEUR, 2007). A “dupla identidade” de ciganos goianos demanda o pertencimento cultural sem necessariamente afirmar a territorialidade⁷ No entanto, o direito ao uso desse território como de passagem e da criação de melhores condições para os acampamentos aparece entre as reivindicações políticas das lideranças. As questões apresentadas pelos primeiros dois anos de pesquisa sobre a festa resumidamente apresentadas nesta introdução destacou a religiosidade e a peregrinação da festa de Trindade como um fato a ser aprofundado em investigações mais específicas. Ponderamos que há uma questão a ser explorada empiricamente que perpassa o aspecto da peregrinação cigana e a peregrinação religiosa da festa. Não está devidamente explicado o modo como o nomadismo dos ciganos, praticado por não todos e que permanece como um valor cultural se encontram e se inter – relacionam com a peregrinação da festa.

1.6- Outro aspecto que consideramos sem ter alcançado uma resposta definitiva, disse respeito à formação social e espacial do bairro Samara: Não ficou claro para a equipe se a formação do bairro relacionou-se com o processo de segregação resultado da saída gradativa do espaço urbano de Goiânia nas décadas de 1970 e 1980, momento em que os

⁷ Por esse sentido, é que não encontramos fundamentação para os estudos sobre a espacialidade dos ciganos nas publicações sobre as cartografias sociais (ACSELRAD, 2008) e optamos por realizar, dentro de um campo mais amplo de uma Antropologia da memória (Werber, 1998; Cole ;2001) especificando o trabalho no que estamos considerando de uma memografia da espacialidade e uma etnografia da memória.

grupos desaparecem dos seus espaços públicos ou se já havia grupos que acampavam nessa localidade sem necessariamente terem as suas trajetórias espaciais a passagem pela capital. As entrevistas mostraram que os grupos de famílias ciganas seguiam vários itinerários em Goiás que incluía várias cidades do interior desse Estado. Inclusive observamos nos relatos o conhecimento dos ciganos sobre nomes antigos das localidades⁸.

2- MEMOGRAFIA DA ESPACIALIDADE: UM CONTRAPONTO AO MAPEAMENTO

A pesquisa inicial que relatamos nessa introdução mostrou que precisaríamos voltar à Capital – Goiânia para seguir as pistas deixadas pelas suas questões e resultados para então somente depois retornar à Trindade. As questões não respondidas pelo primeiro projeto nos estimulou a formular outro, agora voltado para a capital do Estado com o objetivo de entender as razões da saída definitiva dos ciganos dos espaços públicos, dando continuidade à preocupação relacional com os não – ciganos.

Este trabalho tratará a partir desse item dos resultados desse primeiro ingresso na realidade da capital com o ambicioso objetivo metodológico e teórico de realizar uma “memografia da espacialidade” e um exercício de “etnografia da memória” (RODRIGUES, 1999; KIDRON, Carol, 2009; ISTOMIN, Kirill V. & DWYER, Mark J. 2009; FRANK, Gelya; SCHNEIDER, Bronka; RIDNEY, Hill, 1998).

Nesse intuito, elegemos inicialmente os marcos espaciais reconhecidos por ciganos e não – ciganos como eminentemente ciganos no passado (ruas, praças, bairros, logradouros, etc) para entender as inter – relações entre esses grupos com esses espaços, para iniciar uma etnografia complementar que melhor nos explicasse a saída dos ciganos dos espaços urbanos da cidade e a concentração em espaços periféricos, tais como o bairro Samara em Trindade. Ao mesmo tempo em que mantivemos a preocupação da manutenção do reconhecimento de espaços reconhecidos como de passagens de grupos de ciganos em Goiânia – intrigou-nos o fato de as suas passagens não se restringiam à praça popularmente conhecida como “praça dos ciganos”, daí a necessidade de uma

⁸ Sobre esse assunto ver: RODRIGUES (2009¹; 2009² e 2009³).

reconstituição antropológica específica desse espaço para entendermos a sua singularidade. Portanto, se no primeiro projeto consideramos contexto de implantação das políticas públicas para o grupo e a emergência de associações e lideranças políticas, agora direcionamos para o modo como os seus itinerários constroem uma espacialidade e uma memória no enclave de suas relações com os não – ciganos.

Essa mudança acompanha as discussões sobre os espaços de memória e as análises sobre como as memórias individuais e coletivas se expressam de forma espacializadas em sintonia com os espaços vividos interativamente com outros grupos (HALBWACHS, 2006; GENSBURGER, 2008; JAISSON, 2008; KIDRON, Carol, 2009;). Por outro lado, a demanda pelo reconhecimento da memória dos ciganos em Goiás pelos próprios ciganos, foi compreendida nos termos de Paul Ricoeur, pelo reconhecimento de uma “justa memória” (RICOEUR, 2007). Compreendemos que tínhamos que retroceder ao passado para compreender melhor o presente em um período em que Goiânia e sua área metropolitana passam por rápidas modificações urbanísticas com muita influência da especulação imobiliária. Após leituras e discussões e inserções de novos pesquisadores no grupo, direcionamos a investigação para o entendimento das passagens dos ciganos em Goiás e seus significados a partir de novas considerações, inclusive inserindo os espaços de passagem pela cidade planejada no passado e as questões relacionais oriundas desse itinerário no presente.

Com base nessa investigação nas questões por ela suscitadas, elaboramos um segundo projeto intitulado: “**Memografia da Espacialidade: Memórias das dinâmicas de deslocamentos sócio – espaciais de grupos culturalmente definidos por suas práticas migratórias**” (UFG/SAPP O38112/FAPEG).

Prosseguindo a discussão no segundo projeto e suas fundamentações antropológicas, destacamos três discussões teóricas e uma prerrogativa de grupo que determinaram nossos objetivos:

- 1- O conceito de *memografia sensorial* de Lankauskas (2006).
- 2- As “etnografias de memórias” realizadas por antropólogos.
- 3- A definição de espacialidade aproximada e intercruzada com a de memória (De Certau)
- 4- A característica cultural do grupo de não se adequar ao mapeamento espacial.

2.1- MEMOGRAFIA, ESPACIALIDADE E MEMÓRIA

A opção pela memografia surgiu da leitura de um artigo que concebia a memória como metodologicamente possível de ser reconstituída não apenas pela oralidade como também pelos sentidos. Consideramos que a utilização dessa metodologia para pesquisar os ciganos seria mais adequada uma vez que estávamos diante de grupos que possuíam uma língua e uma grafia própria e em que as expressões gestuais têm um significado importante. Por outro lado, essa opção não se opunha à realização conjunta de uma etnografia da memória aproximado ao conceito de memografia que se volta para os sentidos envolvidos na etnografia, permite contrapor e ponderar os contextos e espaços que expressam emoções em diferentes ambientes de pesquisa seja o digital seja o da relação direta ou documental.

Diferentemente das experiências com mapeamentos sociais mais recentes norteados por propostas de reconhecimento de grupos, as chamadas “cartografias sociais participativas” e dos métodos geográficos de mapeamento (ACSELRAD, 2008), a memografia coloca a memória no centro da análise, da discussão e da demanda, como o próprio objeto do reconhecimento reclamado e não como um meio através do qual os territórios são reconhecidos. As passagens e os itinerários, para os ciganos são os vínculos que reconhecem o pertencimento e não a permanência em certos territórios. Há uma sutil diferença entre o pertencimento simbólico a lugares e sua efetivação via território, apesar de haver casos em que essas duas dimensões se encontram. Para os ciganos a ideia de mapeamento está ainda aliada ao sentido de controle que é uma noção oriunda da concepção geográfica de mapa e que se contrapõe aos valores de liberdade desses grupos.

Apesar de várias publicações indicarem que os processos de rememoração envolvem não apenas palavras como também gestos e sentidos, nem todos os trabalhos com memórias tratam desses domínios humanos expressivos com exclusividade em contraponto a questão espacial dos itinerários. Ao valorizar o campo dos sentidos nas práticas de rememoração, Lankauskas (2006) afirma que quando o que está em jogo é a reconstituição de processos de mudança sócio-cultural onde o indizível é o que mais se apresenta, a memografia sensorial alcança dimensões não plenamente possíveis pela

oralidade. Além do que, ao centrarmos nos domínios dos sentidos e dos gestos, aproximamos mais dos meios pelos quais ocorrem as recordações do que dos conteúdos lembrados, ou seja, as formas, os instrumentos, os momentos, os espaços em que as lembranças emergem passam a ter um grande significado sobre o conteúdo recordado. Considerando as afirmações de pesquisadores sobre a questão da memória entre os ciganos, a prerrogativa dos meios em detrimento dos conteúdos aproxima-se de algo que informa sobre o grupo que é o modo performático de eles falarem sobre os assuntos perguntados e sobre como há participação mais coletiva da rememoração.

O assunto da *memografia sensorial* tratado por esse autor colabora com a ideia que esboçamos de uma *memografia da espacialidade* na medida em que permite pensar a rememoração influenciada pelos espaços onde ela é revivida em relação com os acontecimentos passados (vividos pelos próprios sujeitos que rememoram ou apenas recebidos pela oralidade coletiva). Justifica-se ainda porque a centralidade do projeto está nos enclaves rememorativos entre ciganos e não –ciganos e a reconstituição não objetiva registra as “sobrevivências” de práticas ciganas em processo de desaparecimento mas entender como as relações estabelecidas historicamente definiram uma situação atual.

Para exemplificar, muitos ciganos lembram de lugares que passaram em Goiânia quando ainda viviam como acampados. A época do acampamento constitui – se como um momento da trajetória da família e do “ser cigano”. O passado para os que estão hoje fixados em Trindade foi vivido nos acampamentos, embaixo de barracas e em momentos em que o acampar na área urbana era como acampar na área rural. A lembrança da época dos acampamentos são nostálgicas. É um passado que não volta mais e relaciona-se a espaços delimitados os quais eles reclamam uma participação memorialística. A passagem pela barraca parece fazer parte da identidade cigana. Esse lugar, que não é apenas de moradia, mas de interação, traz o sentido da mobilidade, da liberdade e do transcurso reclamado por muitos ciganos como também espaços que devem ser reconhecidos como próprios. Por outro lado, os primeiros sujeitos da atual pesquisa em Goiânia recordam dos acampamentos ciganos em lugares que foram transformados em praças públicas. O encontro dessas recordações e os conflitos passados nos espaços é que irão nos informar sobre a maioria das questões em análise.

2.1.1 – UM CONTRAPONTO ETNOGRÁFICO: ENTRE A MOBILIDADE E A FIXAÇÃO, AS TRAJETÓRIAS DOS CIGANOS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Nas análises históricas e ciganológicas, as trajetórias dos ciganos no território brasileiro foram interpretadas como resultado de processos de expulsão dos lugares em que eles necessitavam acampar. A chegada dos ciganos em determinado lugar foi registrada como sendo conflituosa e merecedora de cuidados, pois as histórias contadas por diferentes pessoas repetem o grande medo de os ciganos carregarem as crianças não ciganas nos lugares por onde passavam. Não encontramos até o momento pesquisas descritivas que demonstrem eventos que representem esses medos, assim como não encontramos informações sobre a recorrência de suas rotas e calendários de passagens pelos lugares com essas ocorrências. Os ciganos em Trindade nos informaram o calendário anual de seus deslocamentos. Segundo eles, a partida se efetua no mês de novembro para a região sul do Brasil, sobretudo para as praias. Ao chegar nesses lugares eles dirigem-se à representação municipal que concede o direito a permanência durante um certo período de tempo. Nos meses de março e abril os grupos de famílias retornam à Trindade e permanecem novamente até novembro. Esse calendário de trabalho e de vida foi repetido pela maioria dos relatos de ciganos. Aqueles que permanecem em Trindade continuam trabalhando com a venda de roupas e produtos de cama, mesa e banho de forma ambulante, sobretudo em Goiânia.

Esse ciclo de trabalho e de vida relatado pelos ciganos se contrapõe à representação de que os não – ciganos constroem sobre eles pelo fato de permanecerem em Trindade sem ocupação. Em oposição, há reclamações dos ciganos que nesse período de permanência em Trindade não conseguem trabalho fixo. Esse descompasso entre as práticas dos ciganos e a representação de trabalho dos não – ciganos gera a representação dos ciganos como “vagabundos”, “perigosos”, “ladrões”, etc. e retoma a discussão sobre o trabalho nesses grupos ainda não plenamente resolvidas mas já foram tratadas do ponto de vista da representação (FERRARI, 2002).

Do ponto de vista de uma espacialidade ligada à sobrevivência do grupo no Brasil, as informações de Moonem (1996) sobre as estratégias dos ciganos no nordeste nos ajuda a compreender as trajetórias dos grupos goianos. Segundo esse pesquisador, os grupos

ciganos brasileiros desenvolveram estratégias de fixação ao criarem pontos fixos de parada em diversas regiões do nordeste. Eles adquiriram terras e fazendas que tinham a funcionalidade de acolherem outros grupos de ciganos, estabelecendo espaços de permanência. O registro trabalhado por Moonem faz supor a existência de rotas mais permanentes e delimitadas que permitiram a reprodução dos grupos. Tais estratégias exemplificam os processos de exclusão, ao mesmo tempo em que ajuda a compreendê-los, demarcando a fixação e a mobilidade como processos opostos e relacionais, não apenas como decorrentes das iniciativas de assimilação dos grupos, mas como um modo de os ciganos enfrentarem as imposições externas às suas práticas sócio - culturais.

Os relatos dos ciganos Calons de Trindade mostram que eles tinham o conhecimento dos lugares que acampavam, percorridos em Goiás e que informam a recorrência dos itinerários. Eles lembram os nomes anteriores e populares dos lugares. O momento em que acampavam faz parte de um passado, de rotas antigas de seus pais e avós. Nesses relatos tanto a espacialidade quando a memória emerge como construtores dos itinerários.

Para a equipe de pesquisa, tanto os aspectos levantados por Moonem quanto o que levantamos em Trindade contradiz os estudos que consideram os ciganos como grupos que possuem uma “memória curta”. Como afirma Michael Stewart (2004) sobre os ciganos que sofreram a experiência do holocausto, o fato de eles esquecerem de forma diferenciada o passado está relacionado ao modo como se colocam diante da história e da comemoração. Em complemento diríamos que não apenas os processos de exclusão como as suas práticas de mobilidade se relacionam com o modo e o conteúdo de suas memórias.

Foi nesse sentido que os resultados da pesquisa nos desafiaram a questionar algumas pesquisas sobre ciganos em outras regiões do mundo quanto a propor uma “memograria da espacialidade” ao lado de uma “etnografia da memória” desses grupos, partindo dessa experiência investigativa.

3- O INÍCIO DA CONTINUIDADE DA PESQUISA: OS CIGANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE GOIÂNIA NA PERSPECTIVA DOS NÃO - CIGANOS

Uma das decisões investigativas iniciais que tivemos foi não aprofundar nas teses historiográficas que reconstituíram a transferência da antiga capital do Estado de Goiás – Goiás Velho - e os detalhes do processo político que decidiu a construção da capital planejada – Goiânia, mas adveio da leitura da memória de Lévi – Strauss em *Tristes Trópicos* e seus sentimentos durante a passagem pela cidade em início de construção. Rerler *Tristes Trópicos* faz sentido nesse exercício porque expressa os sentimentos e a memória de um estrangeiro em relação ao que ele próprio denominou como o surgimento das cidades pioneiras também consideradas “cidades sínteses do Brasil Meridional”. (Lévi-Strauss, 1986, p. 117).

Para falar de Goiânia e de outras cidades com as mesmas características de formação, o antropólogo contrapõe a cidade de Goiás Velho diante da proposta da construção de Brasília e Goiânia. Nessa contraposição, mostra o modo como a antiga capital goiana adquire as características do que é velho e ultrapassado diante dos projetos das novas capitais:

Não sei se deveremos lamentar ou regozijarmo-nos com o absurdo do facto, mas o certo é que a administração decidira esquecer Goiás, o seu campo, as suas rampas, a sua graça ultrapassada. Tudo aquilo que era demasiado pequeno, demasiado velho. Seria preciso partir do nada para fundar o empreendimento gigantesco com que se sonhava (p. 118).

Falando sobre Goiânia, ele diz:

De um dia para o outro os jornais foram cobertos por manchetes na primeira página. Nelas se anunciava a fundação da cidade de Goiânia; em redor dum plano pormenorizado como se a cidade fosse já centenária, eram enumeradas as vantagens concedidas aos habitantes: arruamentos, caminhos de ferro, água canalizada, esgotos e cinemas. Se não me engano, chegou a haver um momento, no princípio, em 1935/36, em

que a terra era oferecida aos compradores que concordavam em pagar os direitos de escritura. Pois os notários e os especuladores eram os primeiros ocupantes (p. 119).

E continua:

*A mais importante de todas era o hotel, um paralelepípedo de cimento que de boa vontade chamaríamos **bastião da civilização**, expressão utilizada já não no sentido figurativo mas direto que adquiria assim um valor singularmente irônico. Pois nada podia ser tão bárbaro, tão desumano, como essa iniciativa no deserto. Aquele edifício sem grandiosidade era o contrário de Goiás; não havia história, duração ou hábito que lhe saturasse o seu vazio ou adoçasse a sua rigidez; sentíamos-nos sempre como passageiros e nunca como residentes, como numa estação ou hospital. Só o receio dum cataclismo podia justificar aquela casamata. Tinha-se com efeito verificado um, cuja ameaça era prolongada pelo silêncio e imobilidade reinantes. Cadmus, o civilizador, semeara os dentes do dragão. Numa terra esfolada e calcinada pelo sopro do monstro esperava-se que os homens medrassem.*

Atualmente, a recordação do grande hotel de Goiânia encontra-se com outras na minha memória, testemunhando nos dois pólos do luxo e da miséria, o absurdo das relações que o homem consente em manter com o mundo, ou que, são impostas em grau crescente (p. 119 – 120).

As interpretações de Lévi-Strauss são categóricas no que diz respeito ao modo como a cidade de Goiás, antiga capital e possuidora de uma história, perde o valor diante do novo, do projeto das novas capitais que se ergueram “no meio do nada”, de forma imposta pela administração de um planejamento compulsório. Suas memórias expressam a forma agressiva com que o planejamento urbano impôs a formação de novos aglomerados populacionais como se ali já existisse alguma história. Passar por esses lugares em tempo de formação o inspira a refletir sobre os significados dessas cidades. Mais do que refletir sobre o sentimento de passagem que lugares específicos como o grande hotel de Goiânia o fazia expressar – como mencionado por Clifford (2000) – é a insurgência da iniciativa de formação dessas cidades compulsórias, após ter passado por aldeias indígenas – que no nosso modo de entender mais o impressiona. A cidade

estabelecida é possuidora de uma história que é relegada pela sua pequenez civilizatória. A cidade planejada se impõe como novo espaço civilizatório que imediatamente requer uma história. Quando o autor menciona a forma como cidade de Goiânia se apresenta em 1937 elucida o que estamos falando. Ao mesmo tempo em que a cidade se impõe do nada, se configurando como um lugar de passagem, se impõe a necessidade de fixação de pessoas para formação do lugar e a transformação em um lugar de fixação, com uma história. A venda dos lotes impulsiona o povoamento, a formação histórica e cultural do lugar.

A reflexão de Lévi-Strauss neste trabalho nos importa não apenas como testemunho, mas por inspirar as nossas primeiras reflexões sobre a pesquisa que estamos realizando em uma região urbana de Goiânia e por levantar aspectos que para nós desdobram-se historicamente e relacionam-se com questões que trataremos durante a pesquisa.

Ao desdobrarmos a pesquisa em um novo projeto para a capital de Goiás, saindo de suas adjacências para depois voltarmos, sabíamos que tínhamos que ponderar alguns aspectos históricos da formação da cidade para compreendermos a configuração urbana das décadas de 1970 e 1980 uma vez que as informações sobre a presença de grupos ciganos nos espaços urbanos da cidade, sobretudo naqueles espaços que demarcamos para a pesquisa, reportavam a esses períodos históricos.

Elegemos como um primeiro espaço etnográfico o mais emblemático e representativo da passagem dos grupos ciganos em Goiânia: a região da praça do cigano. Trata-se de um lugar popularmente conhecido que carrega a marca da passagem do grupo pela cidade, no entanto, foi nomeado oficialmente através de lei municipal com o nome de uma mulher considerada uma das pioneiras da cidade (Vejam aqui como simbolicamente pioneirismo/fixação se relacionam com passagem/ciganos). A praça carrega uma polêmica: a nomeação popular e a nomeação oficial. Tal discussão opõe as pessoas que conhecem popularmente a praça e a família da pioneira que a nomeia. Por outro lado, há três placas urbanas oficiais no setor Coimbra (ruas 260 e 251) indicando a direção da praça do cigano⁹.

Antes de prosseguirmos nessa discussão, é importante informar que um dos objetivos da pesquisa é entender essa polêmica não deixando de considerar as razões

⁹ As imagens serão apresentadas na apresentação do trabalho.

pelas quais especificamente essa praça se popularizou pelo nome uma vez que outros logradouros públicos da época também eram lugares de acampamentos ciganos, sobretudo aqueles dos bairros Bueno e Coimbra. A reconstituição desses logradouros é necessária para compreendermos esse debate da nomeação.

Nessa descrição inicial, seguimos a sugestão de Edward Said (2005) da realização de um contraponto entre os relatos registrados e de outros – no nosso caso, aqueles vividos pelos sujeitos que faziam parte da época do evento: os não – ciganos que acompanharam a saída dos grupos ciganos dos lugares públicos de Goiânia. Os relatos das pessoas que viram o desaparecimento desses grupos dos logradouros públicos importam, porque além de constituírem em testemunhos de época, compõem, como sujeitos, a história da construção de uma cidade planejada.

O contraponto observado por Said nos ajuda a pensar a relação de oposição que, nos relatos atuais se compõem. As falas dos não – ciganos que moram nas imediações da praça dos ciganos trazem não apenas o passado da relação entre os ciganos mas o modo como o processo de urbanização da década de 1970 provoca a saída dos grupos e a transformação dos lugares.

4 - A PRAÇA DOS CIGANOS E A PRAÇA GUMERCINDO INÁCIO FERREIRA: ESPAÇOS PÚBLICOS PARADOXAIS DA PASSAGEM DOS CIGANOS EM GOIÂNIA.

Partindo do processo pelo qual um espaço público é nomeado e transformado em “logradouro” (nome técnico utilizado pelas leis municipais urbanas para esses espaços) em detrimento do nome costumeiro, popular; consideramos o contraponto entre esses dois espaços, próximos em distância geográfica e os significados no presente para aqueles que, cotidianamente, desde as décadas de 1970 e 1980 relacionam-se com eles para então incluir a questão dos acampamentos e residências ciganas na cidade.

A cotidianidade aqui considerada é temporalmente situada. Estabelecemos um marco temporal para o relacionamento das pessoas (comerciantes e diferentes membros de famílias que se fixaram nas imediações desses lugares a partir da década de 1970) com esses espaços para entender as suas manifestações e reações frente às transformações

urbanísticas e as nomeações compulsórias do urbanismo municipal e as relações com os ciganos. Situados em uma pequena região de fronteira entre dois bairros de “classe média”, Bueno e Coimbra, mais recentemente caracterizados como mais comerciais que residenciais, eles extrapolam a polêmica sobre a nomeação da praça - a dupla nomeação da praça do cigano (BLUMENSCHHEIN, 2010).

A pesquisa direta chamou a atenção para o fato do que já mencionamos anteriormente: a razão pela qual entre os diversos espaços urbanos frequentados e acampados por ciganos em Goiânia, um lugar adquiriu significância para representar a presença cigana na cidade. Mais do que uma questão legal, faz-se necessário entender essa escolha e a relação com a Praça Gumercindo Inácio Ferreira, hoje um lugar que mais recentemente se instaurou a chamada “feira das nuvens”, funciona como estacionamento do hipermercado e que situa em suas imediações. O que consideramos hoje de hipermercado no porte de um “Carrefour” se expandiu a partir da década de 1970 e mais recentemente amplia-se pela compra de casas e quadras inteiras nas imediações da praça Gumercindo e Cigano dos bairros Coimbra e Bueno ¹⁰.

Os depoimentos de cinco moradores e comerciantes mais antigos que permanecem nas imediações das duas praças constataram que os dois espaços foram locais de acampamentos para os grupos na década de 1970 quando eles ali se estabeleceram. Metodologicamente, verificamos as possibilidades da realização da reconstituição memorialística que imediatamente desdobrou questões paralelas tais como: as opiniões sobre as transformações urbanísticas mais recentes que dividiu a praça do cigano que tinha a forma redonda e a função de contorno, em duas “meias luas”, sendo cortada por uma das avenidas principais. Os primeiros depoimentos levantaram a questão da nomeação da praça do cigano e pudemos extrair afirmações categóricas: “Isso está errado, o povo é que põe o nome, porque mudar? Quem põe o nome das ruas e praças é o povo”.

A pesquisa exploratória e documental sobre a praça dos ciganos trouxe a polêmica da nomeação pública e arbitrária dos lugares. Uma reportagem do jornal

¹⁰ Os primeiros contatos que tivemos com os moradores (comerciais e residenciais) do entorno dessas praças em 2012 demonstram surpresa com o crescimento do hipermercado que, no passado começou como um pequeno comércio nada promissor. Um dos moradores contactados nos informou que o hipermercado está comprando as residências antigas e nos deparamos entre aqueles que não vendem os seus locais. A efetivação de compra do hipermercado desses locais fica evidente não apenas pelas falas dos entrevistados, mas pela instalação em vários locais próximos de postos de gasolina com o seu nome e pela demolição recente de quadras inteiras ao seu redor

regional “O popular” intitulada: “O apelido ficou mais famoso” de 20/08/2010, apresenta claramente a polêmica do nome oficial registrado por lei municipal em 1972: Praça Benedita Silva Lobo, uma mulher considerada uma pioneira da capital goiana. A reportagem não problematiza os fatos citados, apenas os informa: Após a inauguração da praça menciona o sumiço do busto da homenageada erguido em 1990 e da placa que indicavam o nome da pioneira. Hoje a indicação do nome de Benedita aparece nas placas de ruas do entorno da praça. A praça dessa polêmica, como muitas em Goiânia, têm a forma arredondada e a função de “rótula” onde confluem grandes avenidas da cidade. No caso da praça do cigano, uma das direções das avenidas confluentes direciona-se para o setor Campinas. A nomeação de “apelido” levantado pela reportagem jornalística para a designação da praça do cigano contradiz o depoimento dos moradores da região que desconhecem a praça com o nome de Benedita. A polêmica levantada pela reportagem jornalística apresenta o outro lado da questão que é levantada pela família de Benedita que nos traz novamente expressa a polaridade das categorias levantadas no início do item 3 deste trabalho: pioneirismo/fixação x passagem/ciganos.

Observem um trecho da reportagem:

A neta de Benedita, a professora aposentada Marlene de Oliveira Lobo Faleiro, conta que, quando a praça foi inaugurada, o prefeito na época, Manoel dos Reis e Silva era amigo da pioneira e teve a ideia de homenageá-la. Uma placa foi colocada no local e, pouco tempo depois, foi danificada. ?A praça logo ganhou o apelido, que pegou fácil?, diz Marlene. Em 1990, a família de Benedita Silva Lobo se reuniu e decidiu fazer um busto dela para ser colocado na praça. O objeto foi feito pelo artista plástico Angelo Ktenas e instalado no local, sem comemoração. Bem pouco tempo depois o busto foi roubado. ?O nome da minha avó acabou ficando desconhecido pelas pessoas. O apelido ficou tão forte que até algumas placas indicativas da prefeitura espalhadas pela cidade trazem o nome Praça do Cigano? salienta Marlene. Benedita Silva Lobo nasceu em 1883 na cidade de Goiás, onde casou-se aos 14 anos com Thomas de Oliveira Lobo, que tinha 18. Eles tiveram dez filhos, oito homens e duas mulheres. Depois que todos os filhos já tinham nascido, Thomas adquiriu terras em Trindade, para onde se mudou com a mulher e os filhos para trabalhar. ?Todos os dez filhos trabalhavam nas fazendas? destaca Marlene. Com a mudança da capital da cidade de Goiás para Goiânia, Benedita, que estava viúva, resolveu se mudar para a nova cidade e trouxe com ela todos os filhos, que já estavam casados. ?Em Goiânia minha

avó construiu uma casa na Rua 4, bem no centro da nova capital, e todos os filhos construíram suas casas em volta. Ela era uma matriarca no estilo tradicional, que fazia tudo para ter os filhos por perto?

A outra praça que mencionamos, a Praça Gumercindo Inácio Ferreira (também professor e “pioneiro”; foi registrada por lei municipal 7656 de 1996), localiza-se muito próxima à praça dos ciganos. É possível avistar visualmente uma estando na outra. Os depoimentos de dois moradores que habitam em frente a esta praça constataram que o lugar também serviu de acampamento para os grupos ciganos na década de 1970. Ela tem um formato quadrado e apresenta-se bastante mal conservada. Parte dela é ocupada todos os domingos pela “Feira das nuvens” onde se comercializa roupas, calçados e outros objetos industrializados e artesanais. A referência mais substantiva dessa praça é localizar-se em frente ao Hipermercado Moreira já mencionado, que instituiu como logomarca o fato de ser “verdadeiramente goiano” (talvez para diferenciar-se dos demais hipermercados da cidade (Carrefour, Wall Mart e Extra). O interior do hipermercado é decorado por grandes painéis fotográficos da cidade de Goiânia das décadas de 1940. Essa iniciativa também pode ser vista nas duas unidades do hipermercado Wall Mart.

Neste trabalho, esses dois espaços e lugares constituem o espaço empírico inicial da pesquisa etnográfica. Verificamos a partir desse ponto de partida, a existência de sujeitos extremamente significativos para uma reconstituição ou uma etnografia da memória desses espaços, focalizando o entendimento da mobilidade espontânea dos grupos na época em contraponto a uma possível segregação provocada pelas políticas de urbanização. A polêmica sobre a nomeação dos lugares surgida no processo da pesquisa precisa de um maior aprofundamento em relação aos objetivos do projeto, mas já indicam a complexidade que o desenvolvimento da investigação apresentará. Antes das entrevistas formais, as conversas informais já nos deram o panorama complexo da pesquisa que entrelaça passado e presente; pessoas e grupos; políticas de urbanização e organização coletiva de moradores e os efeitos da intensificação da urbanização na região da região das praças no presente.

5- REFERÊNCIAS

BRESCIANI, Stella & Naxara, Márcia (Orgs). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Edunicamp, 2001.

BLUMENSCHHEIN, Camila. “O apelido ficou mais famoso”. Goiânia: **Jornal O Popular**, 20/08/2010.

CASTRO, Alexandra Isabel de A. B. L. de. Dos contextos locais a invisibilização política: Discussão em torno dos ciclos de exclusão habitacional dos ciganos em Portugal. Trabalho apresentado na **26ª. RBA**, de 01 a 04 de junho em Porto Seguro-BA.

CUNHA, Olivia Maria da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. **Revista Estudos Históricos** nr. 36, 2005, p. 7 – 32.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**. Petrópolis – RJ, Vozes, 1994.

GENSBURGER, Sarah. Lugares materiais, memória e espaço social. El recuerdo de los campos anexos de Drancy en Paris. **Anthropos**, nr. 218, 2008, p. 21 -35.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas – SP, Editora Unicamp, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo – SP, editora Centauro, 2006.

_____. La expresión de las emociones y la sociedad. **Anthropos**, nr. 218, 2008, p. 36 – 42.

JAISSON, Marie. La topografía legendaria y la investigación sobre la memoria colectiva en Maurice Halbwachs. Barcelona: **Anthropos** nr. 218, 2008, p. 96 – 109.

CARTUJO, Jósean Larrión. El orden de la dememoria. La condición social de la memoria fragmentada, las memorias combativas y la ignorancia de nuestro tiempo pasado. Barcelona: **Anthropos** nr 218, 2008 p. 68 – 84.

LANKAUSKAS, Gediminas. Souvenirs sensoriels du socialisme. **Anthropologie et Sociétés**, vol. 30, nr. 3, 2006, p. 45 – 69.

AMPHOUX, Palcal & DUCRET, André. Le Pouvoir des Lieux. **Cahiers internationaux de Sociologies II**, CEAQ, Paris, Sorbone, 28 – 30 mai, 1984.

MOONEN, Frans. A história esquecida dos ciganos no Brasil. João Pessoa, **Revista Saecullum** nr. 2, 1996.

GENSBURGER, Sarah. Lugares materiais, memória y espacio social. El recuerdo de lós campos anexos de Drancy en París. Barcelona – ES, **Anthropos**, 218, 2008.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In: ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas – SP, Papirus, 2000. P. 51 – 80.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental – um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova guiné melanésia**. São Paulo-SP: Abril Cultural, 1984.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: as valité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**. V. LXIX, 1980.

CHARLEMAGNE, Jacqueline. Politiques sociales, exclusion, santé. **Etudes Tsiganes**, vol. 14, 2001.

DE CERTEAU, Michel. Práticas de espaço. In: **A invenção do cotidiano/1. Artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

FENTRESS, James & WICKHAN, Chris. **Memória Social**. Lisboa: Teorema, 1992.

FILHOL, Emmanuel. Question de mémoire: deux témoignages sur l'internement des Tsiganes au camp d'Arc-et-Senans. **Etudes Tsiganes**, n° 13, 1999.

FORMOSO, Bernard. Diversité des itinéraires et uniformité des stéréotypes. **Etudes Tsiganes** n.4, v.2, 1994.

HOUSEMAN, Michael. L'etude des Tsiganes et questions d'anthropologie. **Etudes Tsiganes** n.4, v.2, 1994.

ISTOMIN, Kirill V. & DWYER, Mark J. Finding the Way: a critical Discussion of Anthropological Theories of Human Spacial Orientation with Reference to Reindeer Herders of Northeastern Europe and Western Siberia. **Current Anthropology** vol. 50, n° 1, 2009.

KIDRON, Carol A . Toward an Ethnography of Silence: The lived presence of the Past in the Everyday Life of Holocaust Trauma Survivors and Their Descendants in Israel. In: **Current Anthropology**, vol. 50, n° 1, February, 2009.

MICHEL, Foucault. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MILTON, Sybil H. "Gypsies" as Social outsiders in Nazi Germany. In: GELLATELY, Robert & STOLTZFUS, Nathan (Orgs.) **Social Outsiders in Nazi Germany**. New Jersey – USA: **Princeton University Press**, 2001.

MOONEN, Frans. A história esquecida dos ciganos no Brasil. **Revista Saecullun**. n. 2, João Pessoa, julho a dezembro de 1996

MOURA, Margarida Maria. Invasão, Expulsão e Sucessão: Notas sobre três processos sociais no campo (1). In: **Anuário Antropológico** (1982). Fortaleza, edições UFC, Rio de Janeiro, tempo brasileiro, 1984.

OKELY, Judith. L'étude des tsiganes: un déficit aux hégémonies territoriales et institutionnelles en anthropologie. **Études Tsiganes** n.4, v.2, 1994.

MENDES, Maria Manuela Ferreira. **Nós, os Ciganos e os Outros: etnicidade e exclusão Social**. Lisboa – Portugal: Fundação para a Ciência e Tecnologia-FCT/Livros Horizontes, 2005.

_____. Identité et alterité: les 'ciganos' et les 'autres', les 'non-ciganos'. **Études Tsiganes**, vol. 1, n° 30, 2007.

MORANTZ, Toby. Lire la tradition orale, écrire l'histoire crie. **Anthropologie et Sociétés**, vol.26, n° 2-3, 2002.

PETRICH, Perla. Les contentieux de la mémoire In: **Mémoire de la tradition**. Paris: Société d'ethnologie, 1993, p. 187 – 203.

POLLAK, M. Memória e identificação social in: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n° 10, 1992, pg. 200 – 212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n° 3, 1989, pg. 3-15.

RODRIGUES, Cintya Maria Costa. **La vida de los lugares e los lugares de la vida: la trayectoria de escritores locales y la inscripción de las historias sobre los lugares suroestinos goianos**. Subtema: Los espacios de la memoria: la comunidad, lo local, lo global y lo cotidiano. Ponência apresentada no XV Congresso Internacional de História Oral “Los diálogos de la historia oral com el tiempo presente”. Guadalajara-México, 23 a 26 de set. 2008.

_____. Memoria de la exclusión: la participación de los líderes gitanos en las políticas brasilenãs de reconocimiento cultural. **IOHA/Editora do Instituto Cervantes – ES**, 2012 (no prelo).

_____. **Águas aos olhos de Santa Luzia: um estudo de memoria sobre o deslocamento compulsório de sitiantes em Nazaré Paulista-SP**. Campinas-SP: editora Unicamp, 1999.

_____. A região da aldeia: os pressupostos geográficos-espaciais da literatura goiana e a construção do sudoeste de Goiás. **O público e o privado n° 7** – janeiro/junho, 2006.

_____. **As políticas públicas e os brasileiros ciganos: questões de reconhecimento e patrimonialização.** Trabalho apresentado no VI Seminário Nacional do Centro de Memória “Memória e Patrimônio”, GT 6 – Processos de patrimonialização e políticas públicas. Campinas-SP, UNICAMP, 14 a 16 de out. 2009.

_____. **Reconhecimento, alteridade e identidade: os ciganos e a política cultural brasileira.** Trabalho apresentado na VI Reunião de Antropologia do Mercosul “Diversidad y poder em América Latina”, GT 39 – Políticas culturais e identidades. Buenos Aires – Argentina, 29 a 2 de out. 2009.

_____. **Memória, lugares e espacialidade: os ciganos e os não – ciganos em Goiás.** Trabalho apresentado na 27 Reunião Brasileira de Antropologia, GT 39 – Antropologia dos lugares, paisagens e patrimônios. Belém – Brasil, 1 a 4 de agosto, 2010.

_____ & GODOI, Emília Pietrafesa de. Memórias, *em perspectivas*. **Sociedade e Cultura**, v.11,nº 1, jan./jun., 2008.

_____ & SILVA, Nadabe Pimentel. **Ciganos brasileiros: uma discussão sobre a constituição da identidade étnica em processos de exclusão social.** Trabalho apresentado na II Reunião Equatorial de Antropologia e XI Reunião de Antropólogos do Norte-Nordeste “Direitos, justiça e diferença na América Latina, GT 18 – A nação e seus outros. Natal-RN, UFRN, 19 a 22 de agosto de 2009.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia.** Petrópolis-RJ: Vozes/CID, 1996.

STEWART, Michael. Remembering without commemoration: the mnemonics and politics of holocaust memories among european roma. **The journal of the Royal Anthropological Institute**, vol. 10, nº 3, September, 2004.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. 1999. **História dos ciganos no Brasil.** Recife-PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2000.

WILLIAMS, Patrick. Structures ou stratégies? Le mariage chez les Rom Kalderas. **Études Tsiganes** n.4, v.2, 1994.